

1/9006/1
Jurnal

8x:1
C 88568286

1992

37:004

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

LEONARDO LAURENÇO NUNES

O DISCURSO DA INFORMÁTICA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE PONTES E
LACERDA

Pontes e Lacerda – MT
2006

BIBLIOTECA
EMAT
Linha 13, Lajeada-MT
0089
ata 25 / 07 / 06
Compra X Doação () Permuta

nota

LEONARDO LAURENÇO NUNES

O DISCURSO DA INFORMÁTICA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE PONTES E
LACERDA

Trabalho de Conclusão de Curso à
Universidade do Estado de Mato Grosso.
Campus Universitário de Pontes e
Lacerda/MT, como requisito para
conclusão do Curso de Letras, sob a
orientação do Professor Flávio Roberto
Gomes Benites.

Pontes e Lacerda – MT
2006.

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi Apresentado e Defendido Perante a Seguinte Banca Examinadora.

Professora Mestre. Eliane de Almeida

Professora Mestre. Marlene Flores

Professor Mestre. Flávio Roberto Gomes Benites

Pontes e Lacerda – MT
Junho - 2006

Dedicatória

Agradeço a minha Família que sempre se fez presente, aos meus Pais que sempre me incentivaram aos estudos, e aos amigos que me deram todo apoio que necessitava para a conclusão desse curso.

Salmo 46

Deus é o nosso refúgio e fortaleza,
Socorro bem presente na hora da angústia.
Pelo que nós temeremos?
Ainda que a terra se mude,
E ainda que os montes se transportem para o meio dos mares;
Ainda que as águas rujam e perturbem,
Ainda que os montes se abalem pela sua braveza.
Há um rio cujas correntes alegram a cidade de Deus,
O santuário das moradas do Altíssimo.
Deus está no meio dela; não será abalada;
Deus a ajudará ao romper da manhã.
As nações se embraveceram, os reinos se moveram;
Ele levantou a sua voz, e a terra se derreteu.
O Senhor dos exércitos está conosco;
O Deus de Jacó é o nosso refúgio.
Vinde contemplai as obras do Senhor, que desolações tem feito na terra.
Ele faz cessar as guerras até os confins da terra;
Quebra o arco e corta a lança; queima os carros no fogo.
Aquietai-vos, e sabeí que Eu Sou Deus;
Sou exaltado entre as nações, Sou exaltado sobre a terra.
O Senhor dos exércitos está conosco;
O Deus de Jacó é o nosso refúgio.

Salmo para o mestre de música. Dos coraífas. Bíblia Sagrada

RESUMO

A prática e o uso da informática na educação é um tema novo e bastante discutido nestes últimos dias. Ainda sendo para muitos uma novidade, ou como dizem alguns professores, “tabu” referindo-se ao computador. Muitos profissionais da educação não se conscientizaram ainda da importância de “ensinar” com o auxílio da informática; fato que nos instigou, a saber, o que os professores pensam do que estão ensinando. O objetivo deste trabalho é investigar como se dão as construções discursivas de professores no contexto escolar, tomaremos os estudos da Análise do Discurso de Linha Francesa – AD, derivada dos trabalhos de Michel Pêcheux.

Palavras chave: Discurso, Ideologia, Sentidos, Sujeito, Formação Discursiva, Informática.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
I – INFORMÁTICA NA ESCOLA: UM MOMENTO DESCRITIVO.....	09
II – ANÁLISE DO DISCURSO: UM RECORTE NOS ESTUDOS DA LINGUAGEM.....	11
III – A PRODUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE INFORMÁTICA NO DISCURSO DOS PROFESSORES.....	21
3.1 – Discurso dos Profissionais da Educação.....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	34
ANEXO.....	35

INTRODUÇÃO

Partimos da concepção de Pêcheux de ver nos protagonistas do discurso não a presença física de organismos humanos individuais, mas a representação de “lugares determinados na estrutura de uma formação social”.

Assim, no interior de cada instituição e, sobretudo na escola há “lugares” ocupados pelo professor, pelo aluno etc. Lugares esses marcados por propriedades diferenciais.

No discurso, as relações entre esses lugares, objetivamente definíveis, acham-se representadas por uma série de “formações imaginárias” que designam o lugar que o destinador e destinatário atribuem a si mesmo e ao outro, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do outro.

Nessa perspectiva analisaremos, neste trabalho, os discursos de professores do Ensino Médio sobre o uso da informática na escola. Tais discursos serão observados a partir de comentários feitos pelos professores em um momento de discussão.

Para tal tarefa, partimos do seguinte problema: que efeitos de sentidos apresentam os discursos do sujeito professor sobre a inclusão da informática na escola.

Desta forma, temos como objetivo principal, entender como a informatização da sociedade se reflete na escola em termos da inclusão dos computadores em tal contexto.

No primeiro capítulo trazemos aspectos referenciais quanto ao uso da informática nas escolas públicas. No segundo, aparece como um espaço no qual possamos refletir um pouco mais sobre linguagem, e principalmente os pressupostos que constituem o lugar de reflexão da Análise do Discurso da Linha Francesa. No terceiro procuramos compreender as relações discursivas e determinações sócio-históricas que atuam nos processos de construção de sentidos institucionalizados, ou seja, o discurso da escola.

I – INFORMÁTICA NA ESCOLA: UM MOMENTO DESCRITIVO

A prática e o uso da informática na educação é um tema novo e bastante discutido nestes últimos dias. Ainda sendo para muitos uma novidade, ou como dizem alguns professores, “tabu” referindo-se ao computador. Muitos profissionais da educação não se conscientizaram ainda da importância de “ensinar” com o auxílio da informática; fato que nos instigou, a saber, o que os professores pensam do que estão ensinando. O objetivo deste trabalho é investigar como se dão as construções discursivas de professores no contexto escolar, quando questionados sobre o uso da informática. Como embasamento teórico, tomaremos os estudos da Análise do Discurso de Linha Francesa - AD, derivada dos trabalhos de Michel Pêcheux, e formulações de Michel Foucault.

Para Foucault, o sujeito é sempre o resultado de uma prática, ou seja, o sujeito é sempre fabricado. Nesse sentido, a educação escolarizada funciona como dispositivo encarregado de fabricar um tipo bem determinado de sujeito. Nesta proposta de articulação com outras áreas das ciências humanas, é que torna a AD tão instigante e que fez com que tenha sido escolhida como embasamento teórico para esse trabalho de pesquisa. A discussão que procuraremos realizar neste trabalho de cunho monográfico retrata aspectos referenciais quanto ao uso da informática nas escolas públicas. Tomando como objeto de estudo o discurso dos professores de uma escola estadual do município de Pontes e Lacerda - MT.

É recente a discussão sobre a introdução de tecnologias de informação na escola. Portanto, uma pergunta inicial é: o que se pode esperar com a introdução de computadores na escola? Ao longo do tempo a escola foi concebida como uma instituição que tinha como função primeira, a alfabetização ao lado de outras “secundárias” como, a preparação das gerações para o convívio social e para a vida profissional.

Os tempos recentes testemunham uma informatização da sociedade o que acabou gerando uma necessidade: a da alfabetização em informática. Ou seja, em nossa época é comum se pensar que a utilização de computadores é algo absolutamente indispensável, e por esse motivo pensa-se ser essencial que saibamos como manuseá-los para diversas finalidades, tanto na vida pública como na profissional e na privada.

Os profissionais da Educação se vêem diante de questões que não deixam de ser contundentes: qual seria o papel da escola num mundo globalizado e dominado por tecnologias que se sucedem muito rapidamente? E a mediação do professor entre aluno e computadores? E a construção do conhecimento do aluno através dos computadores como se configuraria? O uso de máquinas, como instrumentos no processo de ensino-aprendizagem, fazem sentido de que modo?

II – ANÁLISE DO DISCURSO: UM RECORTE NOS ESTUDOS DA LINGUAGEM.

Este capítulo aparece como um espaço no qual possamos refletir um pouco mais sobre linguagem, e principalmente discutirmos acerca das noções teóricas que darão sustentação a nossa análise. Esta tomará para si como fundamentação, os pressupostos que constituem o lugar de reflexão da análise do discurso da linha francesa (a qual nos referiremos como AD). Em consequência, mobilizaremos conceitos como: discurso, linguagem, língua, ideologia, sentidos, sujeito, formação discursiva, esquecimento, interdiscurso.

Como nossa proposta é analisar o discurso que professores do Ensino Médio apresentam quanto à aquisição de conhecimento de informática, acreditamos ser muito interessante à utilização de um dispositivo teórico cujo objeto de estudo é justamente o discurso. Em razão disso, adotamos a AD como artefato que nos propusesse como analista. Para Orlandi (1999, p.26) “a Análise de Discurso visa fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos no domínio do simbólico”. Por sua vez, o método de que nos utilizamos para constituir corpus de análise partiu de uma entrevista com professores do Ensino Médio de determinada escola do município de Pontes e Lacerda. Assim, nos propomos a avaliar e analisar o funcionamento dos sentidos que circulam nos discursos dos professores. Acreditamos que os sentidos produzidos nesses discursos são marcados pela polissemia, de modo que, procuraremos fugir da forma de análise que procura retirar sentidos do texto (análise de conteúdo), a qual se limita à questão: “o que esse texto quer dizer” (ORLANDI, 1999, p.17).

Através do aparato teórico da AD passamos a compreender que a linguagem não é tida como um simples instrumento de comunicação, mas “como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social” (ORLANDI, 1999, p15). Já, a língua não é trabalhada

como um sistema abstrato, mas enquanto um elemento simbólico, que significa de muitas maneiras, sendo produzida em situações diversas por diferentes sujeitos. Assim, a língua não é compreendida apenas como um instrumento de comunicação, ou ato de informar, mas como um objeto sócio-histórico que relaciona a linguagem com sua exterioridade. Orlandi (2001) faz uma consideração muito importante sobre o funcionamento da linguagem,

... diremos que não se trata de transmissão de informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem que põem em relação sujeitos e sentidos pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. (ORLANDI, 2001, p.21).

A linguagem vem sendo considerada como objeto de estudo desde há muito tempo.

Como diz Eduardo Guimarães (2002, p. 46),

O interesse pela linguagem data da antiguidade. Tal interesse se apresentou na Grécia no interior da filosofia que se viu levada a estudar a estrutura do enunciado para poder tratar do juízo e grandes estudiosos se preocuparam em fazer as primeiras classificações da linguagem. ... Platão foi o primeiro a estabelecer a classificação das palavras de que se tem conhecimento. Para Ele as palavras podem ser nomes e verbos. Depois dele, Aristóteles considerou uma outra classificação das palavras nomes, verbos e partículas.

O modo proposto pela AD para se pensar a linguagem, e em consequência, a língua faz surgir um objeto que é específico a esta teoria, o discurso. Este não é entendido apenas como um instrumento de comunicação, ato de informar, ou confundido com a fala, mas como um objeto sócio-histórico que relaciona a linguagem com sua exterioridade. Eni Orlandi (1999, p.15) nos traz estas afirmações:

A Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. É a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando.

No espaço da AD, o discurso é compreendido como o efeito de sentidos entre locutores (Pêcheux, in Orlandi, 1997). Os sentidos têm relação com a historicidade, ou seja, os sentidos se movimentam, não sendo definidos como algo em si, mas como “relação a” (Canguilhem em Orlandi, 1999). Em outras palavras, os sentidos não têm para si um lugar específico, mas são produzidos nas relações dos sujeitos com a ideologia.

Só é possível compreender os sentidos a partir de suas “movências”, isto é, de sua produção histórica inscrita na língua e na ideologia. Para a AD, a linguagem não é transparente, o que nos leva a afirmação de que em um texto os sentidos não querem dizer algo, mas significam sua própria historicidade.

Todas essas falas acabam nos remetendo a um olhar sobre o surgimento da Análise de Discurso como disciplina preocupada com a linguagem. E em prosseguimento temos que a constituição da AD representa um deslocamento no modo de se compreender o discurso e sua produção. Seu aparato teórico se constitui a partir da contribuição de três áreas do conhecimento: a Lingüística, o Marxismo e a Psicanálise. Em outras palavras, a AD representa uma ruptura com o pensamento que marcou o século XIX.

Pêcheux (1997) nos mostra o processo de constituição da Análise de Discurso, sua confluência com outras disciplinas, afirmando que o desvio aberto pela AD surge a partir de “três tendências principais que se opõem, se combinam e se subordinam umas às outras sob formas variáveis”.(PÊCHEUX, 1997, p.21) .

Em Gregolin há uma passagem que pode ilustrar o lugar da AD:

Partindo de uma relação necessária entre o dizer e as condições de produção desse dizer, a análise do discurso insere a exterioridade como elemento constitutivo dos sentidos, exigindo, portanto, um deslocamento teórico, do caráter conflituoso, que vai recorrer a conceitos exteriores ao domínio de uma lingüística imanente para dar conta da análise de unidades mais complexas da linguagem. (GREGOLIN, 2001, p. 12).

Na construção da AD, Pêcheux contou com teorias propostas por Louis Althusser, Michel Foucault e outros. Baseando-se, sobretudo nos conceitos destes autores sobre assujeitamento ideológico de Althusser e formação discursiva de Foucault, Pêcheux propõe uma desubjetivação da teoria da linguagem para lançar os fundamentos de um lugar, no qual a relação de intrincação entre língua e formações ideológicas possa ser compreendida no objeto “discurso”. Orlandi (1996, p.23) define a AD como uma disciplina de “entremeio”, ou seja, uma disciplina não positiva cuja preocupação não é acumular conhecimentos, mas discuti-los de forma contínua. A mesma autora afirma também que:

A AD produz um outro lugar de conhecimento com sua especificidade. Não é mera aplicação da lingüística sobre as ciências sociais ou vice-versa. A AD se forma no lugar em que a linguagem tem de ser referida necessariamente à sua exterioridade, para que se apreenda seu funcionamento, enquanto processo significativo. (ORLANDI, 1996, p.24)

Nesta perspectiva vale salientar a concepção de Foucault sobre as condições a que estão submetidos os elementos de uma formação discursiva. Para Foucault, o discurso é uma prática que relaciona a língua com ‘outras práticas’ no campo social. O discurso deve ser pensado, portanto, enquanto ‘prática discursiva’. (GREGOLIN, 2001, p.14) Esta mesma autora ainda falando da concepção de Foucault expõe que,

... uma formação discursiva agrupa um conjunto de acontecimentos enunciativos. Mas o que ela revela não é um segredo, a unidade de um sentido oculto, nem uma forma geral e única; o que a análise pode encontrar, em uma formação discursiva, é ‘um sistema regulado de diferenças e de dispersões’. Disso decorre segundo Foucault, que a questão fundamental para a análise do discurso deve ser a investigação sobre a qual é ‘essa irregular existência que surge no que se diz e em nenhum outro lugar’ (GREGOLIN, 2001, p.15).

Nesta proposta, a formação discursiva, é atravessada por vários outros discursos. No discurso da escola, por exemplo, podem entrar outros discursos, como o político e o econômico. Os jogos de relações que se estabelecem entre esses discursos, influenciam a

prática de ensino. Pois sempre que o discurso da escola é atravessado pelo discurso econômico, o ensino tende a ficar tecnicista, formando cidadãos apenas para o mercado de trabalho.

Desde a expansão do capital interno, das grandes indústrias nas décadas de 50 e 60, com o governo Getulista, a escola teve como papel principal, preparar o indivíduo para o mercado de trabalho. E desde aquele momento começou uma construção histórico-discursiva que permeia ainda hoje o discurso escolar; é o que se observa no terceiro capítulo deste trabalho, quando analisamos o discurso dos professores quanto ao uso da informática como complemento no processo de ensino-aprendizagem. O foco discursivo dos entrevistados se prende à condição ideológica de formação de indivíduos para o mercado de trabalho. Ainda se pensa na instituição escolar como esse pensamento sacralizado. Mas deixemos essa abordagem para o tempo oportuno.

Mas o que no momento deve ficar claro é a noção de formação discursiva. Por isso, voltando a Pêcheux (1997), é importante ressaltar mais uma vez que uma das características básicas que distinguem a AD de outras ciências da linguagem relaciona-se diretamente com o conceito de discurso, que é concebido como um novo objeto de análise, diferente de "enunciado" e de "texto", pois não pode ser pensado desvinculado da História. Nas palavras de Pêcheux (1997, 160),

“Chamaremos formação discursiva aquilo que numa formação ideológica dada, isto é a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.)

Em Orlandi encontramos a afirmação de que os sentidos sempre se são determinados ideologicamente, pois aquilo que é dito pelo sujeito somente pode ser se houver a inscrição dele em uma formação discursiva para fazer sentido. Orlandi pontua também que,

...é preciso não pensar as formações discursivas como blocos homogêneos funcionando automaticamente. Elas são constituídas pela contradição, são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluidas, configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações. (ORLANDI, 1999, p.44)

A definição de formação discursiva aponta para a noção de metáfora, a qual segundo Orlandi (1999) é fundamental em Análise de Discurso. A metáfora, no campo da AD não é vista como uma figura de linguagem, mas como “a tomada de uma palavra por outra” (Lacan em Orlandi, 1999). Para Orlandi (1999) não há sentido sem metáfora e isso quer dizer que em AD, as palavras não têm um sentido próprio, literal, mas significam de muitas maneiras.

Os sentidos são produzidos de acordo com a inscrição do sujeito nessa ou naquela formação discursiva. Assim, vemos que o sujeito produz seu discurso em condições de produção diferentes e o seu dizer se filia a uma rede de memória, o interdiscurso. Este, segundo Orlandi (1999, p.31) “é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma de pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra.”.

Na perspectiva da AD, o interdiscurso (memória discursiva) é visto como um conjunto de formulações já feitas e esquecidas, porque os dizeres só podem fazer sentido se tiverem sido ditos em determinado momento, por um determinado sujeito. Nesse movimento, os dizeres produzidos por um sujeito específico passam para o “anonimato”, passando a significar nas palavras de outros sujeitos, que por sua vez não têm acesso a todo o dizível. Orlandi (1999, p.34) diz que “ao falarmos nos filiamos a redes de sentidos, mas não

aprendemos como fazê-lo, ficando ao sabor da ideologia e do inconsciente”. Mobilizando a noção de interdiscurso, a AD constrói um dispositivo de análise que,

se propõe construir escutas que permitam levar em conta esses efeitos e explicitar a relação com esse “saber” que não se aprende, não se ensina mas que produz seus efeitos. Essa nova prática de leitura, que é a discursiva, consiste em considerar o que é dito de um modo e o que é dito de outro, procurando escutar o não-dito naquilo que é dito, como uma presença de uma ausência necessária. (ORLANDI, 1999, p.34)

Em AD o interdiscurso é considerado como pertencente à ordem do saber discursivo, o qual é necessariamente afetado pelo esquecimento. A Análise de Discurso teoriza sobre os esquecimentos e em Pêcheux encontramos uma fala preciosa para entendermos essa noção:

Concordamos em chamar esquecimento nº 2 ao “esquecimento” pelo qual todo sujeito-falante “seleciona” no interior da formação discursiva que o domina, isto é, no sistema de enunciados, formas e seqüências que nela se encontram em relação de paráfrase – um enunciado, forma ou seqüência, e não um outro, que, no entanto, está no campo daquilo que poderia reformulá-lo na formação discursiva considerada.

Por outro lado, apelamos para a noção de “sistema inconsciente” para caracterizar um outro “esquecimento”, o esquecimento nº 1, que dá conta do fato de que o sujeito-falante não pode, por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina. Nesse sentido, o esquecimento nº 1 remeteria, por uma analogia com o recalque inconsciente, a esse exterior, na medida em que – como vimos – esse exterior determina a formação discursiva em questão. (PÊCHEUX, 1997, p.173)

Para Orlandi (1999), o esquecimento nº 2 é da ordem da enunciação, é parcial e semi-consciente e produz nos sujeitos a impressão de que há uma relação direta entre o pensamento, a linguagem e o mundo, ou seja, neste esquecimento, o sujeito tem a ilusão de que aquilo que ele fala somente poderia ser dito com certas palavras e não outras. Mesmo assim, dada a parcialidade deste esquecimento, muitas vezes o sujeito volta sobre ele para recorrer uma série de dizeres que ficam ao longo do nosso dizer, as famílias parafrásticas. Já o

esquecimento de nº 1 é também chamado de esquecimento ideológico, e pertence à instância do inconsciente, derivando do modo como o sujeito é afetado pela ideologia. Nas palavras de Orlandi (1999, p.35).

Por esse esquecimento temos a ilusão de ser a origem do que dizemos, na realidade, retomamos sentidos preexistentes. Esse esquecimento reflete o sonho adâmico: o de estar na inicial absoluta da linguagem, ser o primeiro homem, dizendo as primeiras palavras que significariam apenas e exatamente o que queremos. Na realidade, embora se realizem em nós, os sentidos apenas se representam como originando-se em nós: eles são determinados pela maneira como nos inscrevemos na língua e na história e é por isso que significam e não pela nossa vontade.

No espaço da AD, o esquecimento é estruturante, ou seja, faz parte da constituição dos sujeitos e dos sentidos. Ou ainda, não podem ser considerados como “defeitos”, “são uma necessidade para que a linguagem funcione nos sujeitos e na produção de sentidos”. (ORLANDI, 1999, p.36) Portanto, os esquecimentos no discurso não são voluntários, mas necessários para que os próprios sujeitos se constituam enquanto tal, e que suas palavras também adquiram sentido.

Como vimos, as “ilusões” fazem parte da constituição do sujeito e dos sentidos. Utilizando-nos dessa abertura somos levados a dizer que a ideologia “é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos”. (ORLANDI, 1999, p.46) A AD é uma teoria materialista do discurso que deixa de lado o subjetivismo idealista e o objetivismo abstrato, afirmando que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer. Portanto, a Análise de Discurso não trabalha com a noção de indivíduo marcado pela intencionalidade, empiricamente definido, mas com o sujeito do discurso, que carrega consigo marcas do social, do ideológico, do histórico e tem a ilusão de ser a fonte do sentido. Assim, a teoria do discurso trabalha a ilusão do sujeito como origem, através dos processos discursivos, mostrando que linguagem e sentido não são transparentes. Pêcheux nos fornece uma afirmação extremamente importante quanto à interpelação do indivíduo pela ideologia:

...o funcionamento da Ideologia em geral como interpelação dos indivíduos em sujeitos (e, especificamente, em sujeitos de seu discurso) se realiza através do complexo das formações ideológicas (e, especificamente, através do interdiscurso intrincado nesse complexo) e fornece "a cada sujeito" sua "realidade", enquanto sistema de evidências e de significações percebidas – aceitas – experimentadas. Ao dizer que o EGO, isto é, o imaginário no sujeito (lá onde se constitui para o sujeito a relação imaginária com a realidade), não pode reconhecer sua subordinação, seu assujeitamento ao Outro, ou ao Sujeito, já que essa subordinação-assujeitamento se realiza precisamente no sujeito sob a forma da autonomia, não estamos, pois fazendo apelo a nenhuma "transcendência" (um Outro ou um Sujeito reais); estamos, simplesmente, retomando a designação que Lacan e Althusser – cada um a seu modo – deram (adotando deliberadamente as formas travestidas e "fantasmagóricas" inerentes à subjetividade) do processo natural e sócio-histórico pelo qual se constitui-reproduz o efeito-sujeito como interior sem exterior, e isso pela determinação do real (exterior), e especificamente – acrescentaremos – do interdiscurso como real (exterior). (Pêcheux, 1997, p.163)

Segundo os pressupostos teóricos da AD, não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. Este é o princípio básico da noção de sujeito em AD. Assim, o sujeito é, desde sempre, afetado pelo inconsciente e interpelado pela ideologia. A AD parte do pressuposto de que o sujeito não é fonte do sentido, mas esse se forma por um trabalho de rede de memória, pelas diferentes formações discursivas, que vão representar, no interior do discurso, diferentes posições-sujeito, resultado das contradições, dispersões, descontinuidades, lacunas, pré-construídos, presentes nesse discurso.

E isso vai fazer com que, como pontua Gregolin (2001), a história da lingüística do discurso possa ser visualizada, a partir dos anos 1960, por meio das vinculações que se estabelecem entre a Lingüística e outras áreas do conhecimento, com o objetivo de buscar a interdisciplinaridade necessária para uma análise da enunciação, que necessariamente demanda que se articule o lingüístico e seu "exterior".

O sujeito vive em um meio histórico-social que determina sua forma de ser, pensar e agir. Os seus discursos estão inscritos em formações discursivas, que por sua vez materializam formações ideológicas. Logo, o sujeito é constituído pela interpelação

ideológica e suas relações com o mundo e com outros sujeitos somente se tornam possível quando o sujeito se submete à ideologia. Assim, como diz Orlandi (2001 p.17).

A materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha a relação língua-discurso-ideologia. E essa relação se complementa com o fato de que, como diz M. Pêcheux não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido.

Como é bem lembrado por Orlandi (1999, p.48) “não é vigente, na Análise de Discurso, a noção psicológica de sujeito empiricamente coincidente consigo mesmo”. Voltamos a afirmar: o sujeito não tem acesso a todo o dizer, mas somente a parte dele; o sujeito tem sua materialidade, é sujeito de e sujeito à; o sujeito necessariamente deve se submeter a língua e à história para se constituir e produzir sentidos. Orlandi (1999, p.49) diz que o sujeito para a AD é visto como uma “posição” entre outras. Foucault em Orlandi (1999, p.49) afirma que o sujeito “não é uma forma de subjetividade, mas um “lugar” que ocupa para ser sujeito do que diz, é a posição que deve e pode ocupar todo indivíduo para ser sujeito do que diz”.

Assim, parece-nos que no interior de cada instituição e (aqui a que nos interessa é a escola) há diferentes posições-sujeito, por exemplo, “o lugar” do professor, do aluno, que são marcados por propriedades diferenciais. No discurso, as relações entre esses lugares, acham-se representadas por uma série de “formações imaginárias” que designam o lugar que destinador e destinatário atribuem a si mesmo e ao outro a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do outro.

III - A PRODUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE INFORMÁTICA NO DISCURSO DOS PROFESSORES

Neste capítulo, procuramos compreender as relações discursivas e determinações sócio-históricas que atuam nos processos de construção de sentidos institucionalizados, ou seja, o discurso da escola. Nesse sentido, a escola funciona como um lugar, no qual se configuram determinadas condições de produção.

Orlandi (1999) afirma que as condições de produção do discurso envolvem a situação, os sujeitos e a memória. Temos, então, as condições de produção, que consideradas em um sentido estrito constituem o espaço da enunciação, e num sentido amplo, o contexto sócio histórico, ideológico.

No caso de nossa pesquisa, como contexto imediato, temos uma determinada escola, na qual os dizeres foram produzidos, os sujeitos que os produziram, o momento de produção e, ainda, devemos nos lembrar que se discute a informática no contexto escolar. Por outro lado, o contexto amplo “é o que traz para a consideração dos efeitos de sentidos elementos que derivam da forma de nossa sociedade, com suas Instituições (...)” (ORLANDI, 1999, p.31) Ou seja, em nossa análise, a Escola se configura como uma Instituição, em que se produz/produziu ao longo da história uma série de dizeres sobre ensino-aprendizagem filiados a diferentes formações discursivas. Tais dizeres podem levar-nos a compreender como a escola constrói um imaginário sobre a informática, e como – na escola – os sujeitos interpretam este objeto do discurso.

Para que possamos nos colocar em face ao funcionamento do discurso, é necessário que mobilizemos também a noção de memória discursiva – o interdiscurso – “aquilo que se fala antes, em outro lugar, independentemente” (ORLANDI, 1999, p.31) Desse modo, tudo o que se falou sobre informática e, mais especificamente sobre informática na escola podem ser recuperados em uma situação discursiva dada graças ao interdiscurso, que afeta o modo como

o sujeito significa. Chegamos à compreensão de que tudo aquilo que o sujeito formula enquanto dizer é necessariamente determinado pela memória, pela constituição (o interdiscurso).

A constituição do corpus aponta para entrevistas com professores do Ensino Médio de determinada escola de Pontes e Lacerda.

III. 1 - Discurso dos Profissionais da Educação

Da escola ainda se tem a visão de salvação para o crescente abismo que se forma a cada dia na sociedade capitalista, e ela representa o único lugar que é tido como fonte de conhecimento e “igualdade” para todos. Vê-se a escola como ambiente criado para uma aprendizagem, rica em recursos, possibilitando ao aluno a construção do conhecimento.

Como nossa proposta é entender o funcionamento dos sentidos sobre informática na escola no discurso dos professores, estaremos lançando mão de alguns dizeres produzidos nas entrevistas com os professores.

Nas falas produzidas por professores poderemos encontrar pistas que podem significar esse processo tão complexo que é o da informatização da época em que vivemos.

Em nossa análise, o primeiro passo que tomaremos é observar a superfície lingüística, a natureza lingüístico-enunciativa, para então deslizarmos do texto para o discurso.

Nesse momento da análise é necessário que consideremos o esquecimento número 2, que é da ordem da enunciação e funciona de modo a iludir o sujeito a acreditar que aquilo que ele fala somente poderia ter sido dito daquela maneira. Na instância de esquecimento número 2, embora o sujeito acredite que somente poderia ter falado algo de uma maneira, o dizer sempre poderia ter sido outro, e isto significa que ao longo do dizer formam-se famílias

parafrásticas. Em outras palavras, “o esquecimento número 2 atesta que o modo de dizer não é indiferente aos sentidos”. (ORLANDI, 1999, p.35)

Nas entrevistas que disponibilizamos como “corpus” de análise encontramos certas passagens que podem confirmar o que diz Orlandi sobre o esquecimento número 2, pois o sujeito diz algo de um modo, uma vez que acha que aquilo somente poderia ter sido dito daquela maneira.

(1) *“Hoje a informática é o mais rápido meio de informação, ligando todos e qualquer um que tenha acesso a ela, com o mundo”.*

(2) *“A informática permite ao aluno além de manter-se bem informado com os fatos atuais, buscar conhecimento sobre assuntos dos tempos mais remotos”.*

Os enunciados apresentados mostram que “o sujeito-falante “seleciona” no interior da formação discursiva que o domina, isto é, no sistema de enunciação, formas e seqüências que nela se encontram em relação de paráfrase (...)” (PÊCHEUX, 1997, p.173).

Quanto aos enunciados (1) e (2), dizemos ainda que o esquecimento é necessário à constituição do dizer, e que o dizer só funciona enquanto tal pela tensa relação entre os processos parafrásticos e polissêmicos. Os primeiros são vistos como aqueles por meio dos quais a memória é mantida. Para tanto, é necessário que se produzam diferentes formulações de um dizer que já esteja sedimentado a fim de que haja estabilização, repetição. Por seu lado, os processos polissêmicos são caracterizados pela ruptura, pelo deslocamento da significação. Portanto, os discursos são produzidos nesses espaços em que a significação pode ser a mesma, mas pode ser diferente. Orlandi (1999, p.37) afirma que,

Se o real da língua não fosse sujeito a falha e o real da história não fosse passível de ruptura na haveria transformação, não haveria movimento possível, nem dos sujeitos nem dos sentidos. É porque a língua é sujeita ao equívoco e a ideologia é um ritual com falhas que o sujeito ao significar, se

significa. Por isso, dizemos que a incompletude é a condição da linguagem: nem os sujeitos nem os sentidos, logo, nem o discurso, já estão prontos e acabados. Eles estão sempre se fazendo, havendo um trabalho contínuo, um movimento constante do simbólico e da história. É a condição de existência dos sujeitos e dos sentidos: constituírem-se na relação tensa entre paráfrase e polissemia. Daí dizermos que os sentidos e os sujeitos sempre podem ser outros. Todavia nem sempre o são. Depende de como são afetados pela língua, de como se inscrevem na história. Depende de como trabalham e são trabalhados pelo jogo entre paráfrase e polissemia.

Nos discursos analisados as paráfrases (as repetições) aparecem ao lado de metáforas, ou seja, os mecanismos parafrásticos dos discursos produzem efeitos metafóricos. Para Pêcheux (in ORLANDI, 1999, p.78) “o efeito metafórico é o fenômeno produzido por uma substituição contextual, lembrando que este deslizamento de sentido entre x e y é constitutivo tanto do sentido designado por x como por y”. Tal efeito ocorre porque a linguagem é marcada pela incompletude, pelo equívoco. A produção de linguagem remete à necessária produção de discurso para que o sujeito possa “vir à tona” e interpretar. Lembremos que em análise de discurso, o sujeito é obrigado a interpretar para que signifique e que os sentidos somente existem pela interpretação. Para Orlandi (1996, p.21)

Os sentidos só existem nas relações de metáfora dos quais certa formação discursiva vem a ser o lugar mais ou menos provisório: as palavras, expressões, proposições recebem seus sentidos das formações discursivas nas quais se inscrevem. A formação discursiva se constitui na relação com o interdiscurso (a memória do dizer), representando no dizer as formações ideológicas. Ou seja, o lugar do sentido, lugar da metáfora, é função da interpretação, espaço da ideologia.

Uma olhada nos enunciados abaixo pode ser esclarecedora quanto à questão da paráfrase e da metáfora:

(3) “(A informática) é de uma importância fundamental...”.

(4) *"No dia-a-dia para todos os usuários (a informática) é uma maravilha..."*.

(5) *"A informática hoje nos ajuda muito, mas também é uma arma muito grande e perigosa"*.

Esses enunciados trazem consigo sobreposições de discursos, embora pareça ser somente a paráfrase um do outro.

No dizeres (3) e (4), o sujeito se filia a um discurso institucional, na forma técnico-científico, cuja constituição se dá em uma sociedade industrializada e progressista compreendem a informática só em seu sentido de propagação, utilidade e difusão ao maior número possível de pessoas, não considerando suas implicações materiais e psicossociais.

No caso do dizer (5), o discurso instituc -científico) também se apresenta. Sendo atribuído um sentido de utilitarismo à informática. No entanto, parecem existir outras implicações – e outros sentidos - trazidas pelo uso da informática que não aquelas que são veiculadas pelo discurso institucional. Implicações estas, que apontam para um lado negativo decorrente da informatização da sociedade e, por consequência da escola. Portanto, somos levados a crer que em (5) há uma sobreposição de discursos: do técnico-científico e do ético-moralista. E, também um deslizamento de sentidos: *A informática hoje nos ajuda muito* / *(A informática) é de uma importância fundamental* / *No dia-a-dia para todos os usuários é uma maravilha* – que são paráfrases - e, apontam os benefícios da informática, mantêm uma relação de oposição com o dizer *Mas também é uma arma muito grande e perigosa*, em que o termo “arma” desloca outros sentidos marcados por termos como “fundamental”, “maravilha”. Essas movências de sentidos podem ser compreendidas através das seguintes palavras de Orlandi (1999, p.43).

O discurso se constitui em seu sentido porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro. Por aí podemos perceber que as palavras não têm um sentido nelas

mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. As formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas. Desse modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja. Tudo o que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. E isto não está na essência das palavras mas na discursividade, isto é, na maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele. O estudo do discurso explicita a maneira como linguagem e ideologia se articulam, se afetam em sua relação recíproca.

O discurso dos professores legitima o sentido dominante de que a informática é alguma coisa “fundamental” na vida social, profissional, e escolar. Tal importância na vida escolar vem explicitada:

(6) “...o aluno tem a oportunidade de buscar respostas para suas dúvidas. Acompanhar os fatos no momento que eles acontecem”.

(7) “Percebe-se a importância da informática nas escolas, quando pode-se acompanhar e até mesmo participar de conferências, cursos ou qualquer evento a milhares de quilômetros de distância em tempo real”

(8) “A informática permite ao aluno além de manter-se informado com fatos atuais, buscar conhecimentos sobre assuntos dos tempos mais remotos

Esses enunciados representam sentidos já cristalizados através do discurso institucional – nas formas técnico-científicas (o lugar de produção dos sentidos da informática) e pedagógica (que pode ser lugar de reprodução dos sentidos da informática), dominantes e autoritários. Por serem sentidos produzidos em um espaço de dominação/legitimação tais sentidos podem, pelo equívoco, ganhar outros sentidos, uma vez que funcionam no imaginário dos professores, que ocupam posições determinadas por diferentes formações discursivas. Orlandi (1999, p.87) diz que, uma sociedade como a nossa, pela sua constituição, pela sua organização e funcionamento, pensando-se o conjunto de suas práticas em sua materialidade, tende a produzir a dominância do discurso autoritário. Mas

também, para essa mesma autora há relações de múltiplas e diferentes naturezas entre diferentes discursos.

Até o momento temos percebido que a AD trabalha com uma noção de linguagem que desnaturaliza a relação palavra e coisa, homem e mundo, para re-significá-la de modo a entender que linguagem/mundo/pensamento (e toda a dialética daí advinda) se relacionam, mas indiretamente e por meio de mediação que pode se concretizar no discurso.

Eni Orlandi (1996, p.16), em suas reflexões, trata da questão da informatização, não especificamente da informatização da escola, mas acreditamos que tal pensamento possa ser muito relevante para constituição de nosso próprio trabalho. Para essa autora, um texto pode tomar diferentes direções significativas. Porém, isso não é feito aleatoriamente, pois o texto obedece a um regime de necessidade. Ou seja, um texto não pode tomar qualquer direção, mas está necessariamente submetido a sua relação com a exterioridade que o constitui. Assim, para Orlandi, a multidirecionalidade de um texto pode ser compreendida quando se confrontam as noções de: memória histórica (interdiscurso) e memória metálica (a informatização dos arquivos). Esta lineariza o interdiscurso, pois o reduz a um pacote de informações, no qual as posições ideológicas não definidas. Orlandi (1996, p.16) diz que com a informatização,

A exterioridade se afigura como “exterioridade absoluta de um conhecimento mítico, descolada de qualquer memória histórica ou cultural e encontrando uma formulação adequada em uma língua universal lógico-matemática, ela também sem memória” (M. Pêcheux e F. Gadet, 1981). A língua com falha, a da memória histórica, embora limitada em seus meios, não o é em seu funcionamento, produzindo o possível. A metálica, a que não falha e que se apresenta como ilimitada em sua extensão, só produz o mesmo, em sua variação, em suas combinatórias. Ora, as formas lingüísticas não são estruturadas segundo a ordem lógico-matemática. Elas são capazes de deslocamento, de transgressões, de reorganizações. Por isso são capazes de política.

Em nosso caso, o objeto não é a informatização em si, mas o uso da informática na

escola sob o ponto de vista de professores do Ensino Médio. Mesmo assim, o discurso dos professores é atravessado por uma formação discursiva que se constitui nesse espaço de imaginário de uma memória metálica formulada a partir da idéia de que é possível se elaborar uma língua universal, de base lógico-matemática e, portanto, não sujeita à falha e ao equívoco. O discurso técnico-científico se assenta sobre essas bases. Os enunciados abaixo podem mostrar o efeito de sentido de que a informática é “perfeita” e sem falhas porque se produz em um espaço que não é histórico, mas formal:

(9) *“No dia-a-dia para todos os usuários é uma maravilha, pois estão interligados com o mundo o que torna tudo mais fácil, rápido e eficaz”*

(10) *“Na escola não é diferente o aluno, o aluno tem a oportunidade de buscar respostas para suas dúvidas. Acompanhar os fatos no momento que eles acontecem”*

(11) *“É de uma importância fundamental, pois hoje o aluno está buscando sempre o mais interessante e neste caso, vem a tecnologia avançada, onde a pesquisa traz um complemento maior...”*

Pêcheux em Orlandi (1996, p.136) reflete sobre espaços discursivos estabilizados, incluindo o domínio das ciências exatas, das tecnologias e da administração nos seguintes termos:

Essa homogeneidade lógica, que condiciona o logicamente representável como conjunto de proposições suscetíveis de serem verdadeiras ou falsas, é atravessado por uma série de equívocos, em particular termos como lei, rigor, ordem, princípio, etc. que cobrem o domínio das ciências exatas, mas também o das tecnologias, e o das administrações. Daí sempre haverem vários sentidos, nesse caso, por haverem vários domínios que se recobrem e que têm diferentes regimes de atualização da relação entre verdadeiro e falso.

Através da informatização os fatos são organizados linearmente em arquivos e se estabilizam

na medida em que há interdição ao dizer.

Porém discursivamente, os acontecimentos ocorrem na história e pela história que os produz e os faz significar. A história está necessariamente referindo à memória discursiva, o interdiscurso, o qual para Eni Orlandi (1999, p.31).

É definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada.

Nos textos que analisamos todos os dizeres que já foram produzidos sobre informática e sobre o uso da informática na escola aparecem de algum modo significando neles. Mesmo que estes dizeres tenham sido ditos já há muito tempo, eles ainda produzem efeito sobre o que os professores disseram sobre o uso da informática na escola e, por deslocamento da informática. Os professores formularam dizeres em uma determinada situação que pressupõem certos sentidos presentificados pelo trabalho da memória.

Os enunciados produzidos pelos professores nos fazem compreender que a informática em sua plenitude está irremediavelmente ligada a um mundo globalizado. E, também que a palavra informática tem seu sentido deslizado na medida em que compete com a Internet. É evidente que um sentido para informática é Internet, uma vez que os professores apontam que o aluno poderá fazer pesquisas com maior rapidez, que o aluno terá acesso a um número maior de informações ou ainda, que o aluno poderá tomar conhecimento dos fatos em tempo real. Há mesmo a consideração de que “hoje” a informática (entendemos Internet) é o meio mais ágil de comunicação. Este termo se opõe a “antes” o que nos leva à compreensão de que há uma relação de oposição entre o “novo” e o “velho”, partes que se complementam para

garantir a produção de sentidos no discurso do mundo globalizado, como podemos observar na seqüência:

(12) *"Hoje a informática é o mais rápido meio de informação, ligando, todos e qualquer um que tenha acesso a ela, com o mundo"*

(13) *"A informática permite ao aluno além de manter-se informado com fatos atuais, buscar conhecimento sobre assuntos dos tempos mais remotos".*

(14) *"A informática hoje nos ajuda muito..."*.

A filiação dos professores a um discurso do mundo globalizado também pode ser observada através da presença de certas expressões que caracterizam esse tipo de discurso.

(15) *"Percebe-se a importância da informática nas escolas, quando pode-se acompanhar e até mesmo participar de conferências, cursos ou qualquer evento a milhares de quilômetros de distância em tempo real".*

(16) *"Temos os benefícios de acesso rápido nas Internet, onde os alunos tem a oportunidade de pesquisar mesmo em período de aula".*

(17) *"No dia-a-dia para todos os usuários é uma maravilha, pois estão interligados com o mundo..."*

Tomando as palavras de Orlandi (1999) entendemos que as palavras não possuem um sentido que seja próprio delas, mas têm sentidos que se originam das formações discursivas nas quais os sujeitos se filiam para produzir seus discursos.

Para finalizar, gostaríamos de dizer que ao longo da leitura dos textos observamos a presença de dois posicionamentos, que conceituamos do seguinte modo: A) O do sujeito professor que parece estar atuando cotidianamente em uma sala de aula; e B) O do sujeito

professor que fala da informática, de um lugar, no qual seu uso é visto de forma mais distanciada, portanto generalizada.

Nos discursos que circulam no posicionamento do tipo A, encontramos uma espécie de depoimento do ocorre em relação ao uso de computadores e de seus benefícios em relação ao processo de ensino-aprendizagem.

(18) *"Dentro da disciplina de química a informática, tem sido de grande importância em pesquisa".*

(19) *"Mas o período noturno deveria ficar somente para os alunos do período".*

(20) *"Apesar de ter acúmulo de aluno dentro da sala e computadores no período noturno ficar sobrecarregado com aluno dos períodos de matutino e vespertino".*

(21) *"...temos de lutar para termos mais disponibilidade em horário de aula".*

Por seu lado, nos discursos que funcionam no posicionamento de tipo B há muitas referências ao aluno, e isso pode significar que: 1 – o professor já é "alfabetizado" em informática, cabendo a ele o lugar de mediação, do aconselhamento pedagógico; 2 - o professor se afasta, no sentido de generalizar o uso da informática, não a trazendo para seu cotidiano e assumindo uma posição dentro do discurso científico, marcado pela impessoalidade.

(22) *"Na escola não é diferente, o aluno tem a oportunidade de buscar respostas para suas dúvidas".*

(23) *"Percebe-se a importância da informática nas escolas, quando pode-se acompanhar e até mesmo participar de ..."*

(24) *"Aqueles que demonstram interesse podem ater conhecimentos sobre a cultura de outros países"*

(25) *“É necessário levar em conta que muitos alunos da rede pública de ensino não tem acesso a informática”.*

Em nossa análise tentamos mostrar um pouco do modo de considerar o funcionamento da linguagem proposto pela AD. Sabemos que nenhuma análise esgota em si o objeto, mas que ele pode ser retomado continuamente, pois cada análise pode mobilizar conceitos diferentes. Esperamos poder ter atingido o mínimo de conhecimento sobre essa teoria tão bem construída que é a AD. E lembrando Orlandi (1999, p. 95) gostaríamos de evidenciar que,

o sujeito discursivo não realiza apenas atos. Se ao dizer, nos significamos o próprio mundo, ao mesmo tempo, a realidade se constitui nos sentidos que, enquanto sujeitos, praticamos. É considerada dessa maneira que a linguagem é uma prática; não no sentido de efetuar atos mas porque pratica sentidos, intervém no real...O sentido é história. O sujeito do discurso se faz (se significa) na/pela história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nosso trabalho procuramos compreender como são produzidos os sentidos sobre o uso da informática na escola.

Desenvolver uma análise, tomando como base os pressupostos teóricos da Análise do Discurso. São vários os posicionamentos que tivemos que tomar a fim de que pudéssemos dar início ao nosso trabalho.

Este posicionamento tem a ver com os modos como o analista se coloca frente a seu objetivo de análise: o discurso. Estar diante do discurso, como analista, significa de várias formas. E isso quer dizer, entre outras coisas, que o analista constrói um corpus de análise já pressupondo o funcionamento dos conceitos teóricos que irá mobilizar.

Ao longo de nossa análise mobilizamos alguns conceitos teóricos da Análise de Discurso como: sujeito, sentidos, formação discursiva, metáfora, polissemia, interdiscurso, esquecimentos, dentre os mais citados.

A preocupação com o tema, o uso da informática na escola, aparece como uma necessidade de se entender quais os sentidos da introdução de tecnologias de informação em nossa sociedade, especificamente no interior de uma instituição marcada pelo discurso pedagógico e autoritário.

A análise das falas dos professores nos levou a entender alguns sentidos que circulam no discurso escolar sobre a informática. Esta, sem dúvida, constitui-se como o instrumento da vez em suas variadas formas, sobretudo na internet.

Queremos ressaltar que a nossa análise em nenhum momento quis ferir a fala desse ou daquele professor, mas somente compreender a produção de sentidos nos discursos que eles produziram em determinado contexto enunciativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRANDÃO, Helena H. N. **Introdução à Análise do Discurso**. 8ª. ed. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2002.

CHAUI, Marilena. **O que é Ideologia**. Ed. Brasiliense, 2000.

GADET, F & Hak, T. **Análise Automática do Discurso: introdução à obra de Pêcheux**. Campinas, 1990.

FIORIN, José Luis. **Linguagem e Ideologia**. 2. ed. São Paulo: Ática.

GREGOLIN, M. R. Valencise. **Análise do Discurso: as materialidades do sentido**. Ed. Claraluz. 2001.

GUIMARÃES, Eduardo. **Línguas: Instrumentos Lingüísticos**. Campinas, SP: Fontes, 2002.

LIMA, José Leonildo & SILVA, Tereza Pazos da. **Roteiro para elaboração de Trabalhos Acadêmicos e Monografias**. Cáceres: Ed. UNEMAT, 2005.

MUSSALIN, Fernanda & BENTES, Ana Cristina. **Introdução a Lingüística: domínios e fronteiras**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003. Vol.2

ORLANDI, Eni P. **Análise do Discurso. Princípios & Procedimentos**. 3ª Ed. Campinas, SP: Fontes, 2001.

_____. **Autoria: Interpretação, e efeitos de sentidos**. Ed. Campinas, SP: Fontes, 2001.

_____. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. **Análise de Discurso: Princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**. Trad. Eni Orlandi [et al]. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

ANEXOS

Como você vê a informática na escola?

Muito válida e prestativa, sinal de evolução, crescimento para os alunos. Mas o período noturno deveria ficar somente para os alunos do período matutino pesquisa na vespertina e vice-versa.

A forma de auxílio está de acordo, a única mudança deverá ser feita em relação ao período noturno.

No mais, toda escola deveria investir nesta questão de informática, pois o avanço tem chegado em nossas mãos, em nossas escolas e os recursos adquiridos pelo estado, governo, secretarias ou parcerias tem sido suficiente para o emprego do mesmo. É para o uso com qualidade dessa informática deve sem dúvida ser elaborado projetos para o desempenho do mesmo, com uma equipe de acompanhamento. E assim, a escola tira um nome, uma qualidade e uma presença, sem igual.

Como você vê a informática na escola?

Dentro da disciplina de química a informática, tem sido de grande importância em pesquisa.

A pesar de ter acumulo de alunos dentro da sala e computadores no período no turno ficar sobrecarregado com alunos dos períodos de matutino e vespertino.

Temos os benefícios de acesso rápido na internet, onde os alunos tem a oportunidade de pesquisar mesmo em período de aula.

Hoje uma escola em nível de equipamento igual a esse é raro e temos de lutar para termos mais disponibilidade em horários de aula.

Como você vê a informática na escola?

É de uma importância fundamental pois hoje o aluno está buscando sempre o mais interessante e neste caso, com a tecnologia avançada, onde a pesquisa traz um complemento maior, porém, se a leitura suficiente o aluno acaba fazendo uma pesquisa muito pobre, errônea, incompleta, etc.

A informática hoje na escola muitas vezes também é uma arma muito grande e perigosa nas mãos de "malvados", que fazem dela o seu lado "anímico", roubam, destroem, difamam, etc.

No dia a dia para todos os usuários é uma maravilha, pois estão interagindo com o mundo e que isso tem do mais fácil, rápido e eficaz.

Como você vê a informática na escola?

Hoje a informática é o mais rápido meio de informação, ligando todos e qualquer um que tenha acesso a ela, com o mundo.

Na escola não é diferente, o aluno tem a oportunidade de buscar respostas para suas dúvidas. Acompanha os fatos no momento que eles acontecem.

Percebe-se a importância da informática nas escolas, quando pode-se acompanhar e até mesmo participar de conferências, cursos ou qualquer evento a milhares de quilômetros de distância em tempo real.

A informática permite ao aluno além de manter-se informado com fatos atuais, buscar conhecimentos sobre assuntos dos tempos mais remotos.

Aqueles que demonstram interesse podem ter conhecimentos sobre a cultura de outros países, seus costumes, sua língua, seu povo etc...

É necessário levar em conta que muitos alunos da rede pública de ensino não têm acesso à informática, somente na escola eles têm oportunidade. Além de manusear as máquinas, há ministrado cursos para que os mesmos tenham no mínimo o conhecimento básico.